

“Em Pauta”: o comentário renova a prática telejornalística do horário nobre

Christina Ferraz Musse¹

Resumo: O telejornalismo diário tenta se reinventar para atrair audiência, formar opinião e agregar valor às emissoras comerciais, que dominam o setor no Brasil, em especial frente à concorrência das novas mídias. Nas emissoras abertas, não há muita novidade. Mas no segmento da TV paga, em especial nos canais de notícias, há tentativas bem sucedidas de trabalhar a informação. No canal Globo News, o programa “Em Pauta”, que é veiculado diariamente às 20 horas, sob o comando de Sérgio Aguiar, reúne um time de comentaristas que, ao lançar mão mais das palavras, que das imagens, e da opinião, que da objetividade, consegue inovar a maneira de apresentar a informação factual aos espectadores, cada vez mais ávidos por inovação e qualidade. A proposta deste artigo é a de fazer uma análise do formato e do conteúdo do “Em Pauta”, baseada em referências historiográficas e de estudos de gêneros televisivos, sinalizando para novas formas de tratar a apresentação das notícias, conciliando a difícil tarefa de informar e fazer pensar.

Palavras-chave: Telejornalismo; Opinião; Notícia; TV paga; “Em Pauta”

Abstract: TV News tries to reinvent itself in order to attract a larger audience, create opinions and add value to commercial networks, which dominate the Brazilian sector, especially ahead of new media rivals. On free networks, there aren't a lot of advances. But on paid TV, especially on news channels, there are successful attempts of working with information. On the channel Globo News, the show “*Em Pauta*” which airs daily, under the guidance of Sérgio Aguiar, brings a team of commentators that, while making a greater use of words, than images and of opinion than objectivity, can innovate the way to present factual information to the audience, each time more avid for innovation and quality. The purpose of this article is to make an analysis of the format and content of “*Em Pauta*”, taking as basis historiographic references and the studies of television genres, signalling to new ways of treating and presenting the news, conciliating the difficult talk of informing and making people think.

Keywords: TV News; Opinion; News; Paid TV; “*Em Pauta*”

Artigo recebido em: 14/04/2015

Aceito em: 13/06/2015

¹ Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, é líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania e do Grupo de Pesquisa de Telejornalismo da Intercom. É secretária de Comunicação da UFJF e editora-chefe da revista “A3”, de Jornalismo Científico e Cultural. E-mail: musse@terra.com.br.

Entre os programas da categoria informação está o telejornalismo (SOUZA, 2004). Os programas deste gênero apresentam múltiplas possibilidades de formato e linguagem, muitas delas resultado do uso intensivo das novas tecnologias, que ampliaram indefinidamente os limites geográficos do estúdio, redefiniram as noções de tempo, com a primazia do ao vivo, e redimensionaram a relação entre emissores e receptores com a interatividade e a convergência midiáticas. Da austeridade dos primeiros programas, que praticamente repetiam o formato radiofônico na frente das câmeras, com ênfase no verbal e na figura do locutor/apresentador, partiu-se para um carnaval de recursos técnicos, imagens de todos os ângulos, em todas as velocidades, com os mais variados efeitos, e jornalistas, que mais se destacavam pela pirotecnia das atuações do que pela precisão da apuração e relato dos fatos. Neste cenário em que fórmulas já testadas se repetem, pouco de novo tem sido oferecido ao espectador. Uma exceção, em nosso ponto de vista, e que nos parece interessante analisar, é a opção de formato oferecida pelo “Globo News Em Pauta”, que se diferencia de praticamente todos os outros telejornais veiculados em canais públicos ou privados no Brasil. O “Em Pauta” não é um telejornal convencional. Praticamente todas as emissoras de televisão apresentam programas telejornalísticos nas grades de programação. Dentro do que Souza caracteriza, na categoria informação, como o gênero telejornalismo, teríamos:

O formato pioneiro no gênero telejornal foi o noticiário, com o apresentador lendo textos para a câmera, sem outras imagens nem ilustrações. O primeiro formato a aparecer no vídeo mantém, até hoje, sua fórmula básica: um ou mais apresentadores lêem os textos e apresentam as reportagens externas realizadas pelos jornalistas, ao vivo ou gravadas. Comentaristas especializados também fazem parte dos principais telejornais [...] (SOUZA, 2004, p.152).

Em artigo de 1995, outro autor, Sebastião Squirra, considerava a adoção do âncora, personificado por Bóris Casoy, do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), como a única mudança significativa da TV brasileira². Até então, o formato e estilo implantados pela Rede Globo, sucessora da TV Tupi na liderança de audiência, eram seguidos de forma inquestionável. Squirra destacava então os méritos do jornalista, que fugia ao padrão global de juventude e beleza para os apresentadores. Além de jornalista, Squirra enfatizava em Casoy: a identidade popular do âncora, o carisma e a independência. “E trouxe aos lares um produto híbrido na missão de ancorar um telejornal: a emissão clara de opinião no ar” (SQUIRRA, 1995, p.43). O estilo personalista de Casoy não chegou a ser copiado por muitos outros âncoras, mas, desde então, as emissoras começaram a valorizar a capacidade dos apresentadores em participar da produção dos telejornais, entrevistar, editar, e comentar, além de, em alguns casos, atuar nas reportagens externas.

² Guilherme Jorge de Rezende aponta Joelmir Beting, no “Jornal da Bandeirantes”, na metade da década de 1980, como o primeiro jornalista a atuar como âncora na TV brasileira (REZENDE, 2010, p. 66).

Guilherme Jorge de Rezende cita vários outros telejornais que exploraram a figura do âncora, na esteira do formato popularizado por Casoy: Carlos Nascimento, no “Jornal da Cultura”; Marília Gabriela, no “Jornal da Bandeirantes” e até mesmo o “Jornal Nacional”.

O “JN” apresentou também inovações, ao aliar análise ao noticiário, incluindo a participação de comentaristas especializados. Paulo Henrique Amorim, Joelmir Beting, Lillian Witte Fibe e Alexandre Garcia contextualizavam e explicavam para os telespectadores as notícias políticas e econômicas (GOULART, 2005, p.186 apud REZENDE, 2010, p.69).

Analisando o conteúdo dos telejornais brasileiros, José Carlos Aronchi de Souza, baseado em classificação de Guilherme Jorge de Rezende, identificou os seguintes formatos: “nota, reportagem, entrevista, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica” (SOUZA, 2004, p.153). No caso deste artigo, nosso interesse é analisar com mais profundidade o formato comentário, que caracteriza o “Globo News Em Pauta”, e que foi revitalizado com a implantação das TVs por assinatura. Enquanto a reportagem e a entrevista são os formatos predominantes na maioria dos canais televisivos, valorizando a informação, o “Em Pauta” privilegia a opinião.

Outra mudança significativa no cenário do telejornalismo no Brasil foi a diversificação de modelos narrativos a partir da segmentação, que começa em 1988, quando a Jovem Pan assina o contrato de licença para operar o canal 16 UHF em São Paulo, que começou a funcionar em 1991. Nessa década, a TV por assinatura se transforma no novo filão da televisão no Brasil, atraindo vários investimentos (SQUIRRA, 1995, p.46).

A Globo News, o primeiro canal brasileiro de jornalismo, entrou no ar no dia 15 de outubro de 1996, às 8h30min em ponto. A programação, que os assinantes passariam a receber, era descrita assim: “Neste momento, você está vendo surgir a Globo News. A primeira televisão brasileira só de notícias. Um canal com um olhar brasileiro, que fala a nossa língua, que tem a nossa cara. Um desejo do público e um objetivo da Rede Globo” (PATERNOSTRO, 2006, p. 74).

A um time de antigos jornalistas, juntava-se um grupo novo, em que despontavam Maria Beltrão, André Trigueiro, Eduardo Grillo, Renata Vasconcellos, e Sérgio Aguiar que, juntamente com Christiane Pelajo, formou a dupla que deu o primeiro “boa-tarde” da emissora, no dia seguinte à inauguração do canal.

Dos vários programas idealizados pela Globo News, o “Em Pauta” teve sua primeira transmissão em 16 de agosto de 2010. O telejornal vai ao ar de segunda à sexta-feira, no horário nobre, de 20h às 21h. São três blocos, com dois intervalos comerciais. Na escalada, o apresentador Sérgio Aguiar apresenta o trio de comentaristas

do dia e as principais pautas que serão analisadas. As notícias do dia podem ser, por exemplo, os altos preços dos imóveis, as CPIs envolvendo a Petrobras, e, finalmente, a abstinência provocada entre os torcedores pelos dias em que não houve jogos da Copa do Mundo. Normalmente, não há reportagens de rua. Mas, no primeiro bloco, se houver um factual forte, o âncora pode chamar o repórter de externa, que ganha uma entrada ao vivo. Um incêndio, o quebra-quebra provocado por uma manifestação, um acidente grave, entre outras notícias, podem levar à entrada ao vivo. Mas este não é o padrão.

A jornalista Vera Íris Paternostro diz que o papel do comentarista é interpretar os fatos do dia a dia com um olhar diferenciado. “Ele não reporta ou relata a notícia. Ele vai além. O comentarista analisa a informação a partir da sua maneira de pensar, às vezes de modo mais filosófico ou mais científico, dependendo da experiência profissional” (PATERNOSTRO, 2006, p.231). No nosso ponto de vista, é exatamente esta a grande característica do “Em Pauta” e o segredo de seu sucesso. Será que, de alguma forma, poderíamos afirmar que o telejornal da Globo News tenta repetir a fórmula de sucesso do “Jornal de Vanguarda” da TV Excelsior, nos anos 1960?

Ao analisar o “Jornal de Vanguarda”, Guilherme Jorge de Rezende o definiu da seguinte forma:

Das novidades que o programa introduziu, a principal foi a participação de jornalistas como produtores, apresentadores e cronistas especializados: Newton Carlos, Villas-Bôas Corrêa, Millôr Fernandes, João Saldanha, Gilda Müller, Stanislaw Ponte Preta. Esses profissionais vinham do jornalismo impresso para a primeira experiência em um estúdio de TV. Para complementar a equipe talentosa, o texto jornalístico ganhava força na locução de Luís Jatobá e Cid Moreira. O cuidado com a imagem se refletia no visual dinâmico, em que se destacavam as caricaturas de Appe e os bonecos falantes de Borjalo (REZENDE, 2010, p.59).

O “Jornal de Vanguarda”, que foi reconhecido mundialmente pela sua qualidade e inovação, não resistiu aos desmandos da ditadura militar, mas, até hoje, é uma referência para o que se define como telejornalismo de qualidade. Certamente, o arrojo e inovação de Fernando Barbosa Lima, em outro cenário político, social e, especialmente, tecnológico, não poderão ser literalmente comparados ao produto idealizado pela Rede Globo para atrair espectadores/consumidores do século XXI. De qualquer forma, parece-nos que, de alguma maneira, o formato dos anos 1960 serviu para inspirar o programa dos anos 2000, levando-se especialmente em consideração o fato de ambos serem telejornais diários e apresentarem o diferencial da participação de vários comentaristas. Outros programas de informação de grande sucesso talvez não possam ser comparados ao “Em Pauta” por serem exclusivamente de entrevistas, ou privilegiarem as reportagens externas, ou ainda terem periodicidade semanal, sendo mais similares a “revistas eletrônicas”.

O jogo de cena do telejornal

Sérgio Aguiar não se movimenta, não repete a sequência mecânica da maior parte dos apresentadores de telejornais que, depois da supressão da bancada, caminham pelo estúdio de forma a passar a impressão de que estão atentos a qualquer imprevisto. Ao contrário, o âncora fica na mesma posição do início ao fim do programa³. Ele permanece confortavelmente sentado numa poltrona, espaçosa, macia, de linhas que lembram o estilo do mais contemporâneo dos designers brasileiros, Sérgio Rodrigues. A poltrona tem apenas uma pequena mesa acoplada que serve de suporte para o laptop do jornalista. A mesa tem acabamento metálico. O laptop é prata e se vê nele a logomarca da emissora.

O cenário é branco. Minimalista. Tem detalhes em vermelho e cinza. O piso, por exemplo, além da forração em madeira clara, tem cinza. Ao fundo, vê-se uma espécie de divisória, semelhante a um vidro jateado, que separa o apresentador da redação. Percebe-se o movimento de pessoas, mas não é possível vê-las, fica apenas a sugestão.

À esquerda, encontra-se o telão através do qual Sérgio faz contato com os outros comentaristas, que são fixos em algumas cidades: da esquerda para a direita, vemos São Paulo, Nova York e Brasília. Os comentaristas que dialogam com Sérgio no correr do programa estão todos inseridos no ambiente das redações. Em São Paulo, o jornalista fica posicionado acima da redação, que aparece ao fundo, é uma relação mais distanciada, uma ambiência que pode ser vista nos telejornais do canal aberto da mesma rede. Neste caso, a inserção do comentarista no amplo cenário não provoca a sensação de intimidade. Ao contrário, em Nova York e Brasília⁴, os comentaristas são apresentados no mesmo espaço da redação, em que transitam e trabalham os outros jornalistas, que, assim, ficam mais próximos e podem até mesmo ser reconhecidos pelos espectadores. Os cenários são pequenos, quase familiares, pouco tecnológicos. Em Brasília, o mobiliário de escritório denuncia que estamos em local de trabalho. Já a tonalidade terra do estúdio de Nova York, com seus tijolinhos, traz para a TV o aconchego da casa de família.

Sérgio Aguiar faz o papel de mediador. Normalmente sozinho na cena do estúdio principal, ele encaminha a conversa. Vai alternando as intervenções. Pode ou não comentar alguma informação, pode também chamar um comentarista para o estúdio, o que é bem eventual. Neste caso, o espaço é ocupado por duas poltronas iguais. Há algum tempo, o apresentador fazia entrevistas com convidados no estúdio, mas este modelo foi abandonado.

O figurino é sóbrio, mas também descontraído. Sérgio geralmente está de paletó, mas, dificilmente, vestirá um terno, embora ele possa aparecer assim. Ele é alto,

³ Em abril de 2015, o apresentador Sérgio Aguiar começou a apresentar a “escalada”, isto é, as manchetes do telejornal, parado, em pé. No restante do programa, ele continua sentado.

⁴ No caso de Brasília, usa-se o efeito do *chroma-key* para se inserir a imagem da redação no plano de fundo da imagem do comentarista.

saudável, tem a pele levemente bronzeada, e pode ser confundido com aquele personagem sedutor encontrado em alguma livraria do Leblon, na Zona Sul carioca, em novela de Manoel Carlos. Na mão esquerda, uma aliança. O relógio aparece de forma discreta. O enquadramento pode ser em plano médio, ou mais aberto, neste caso, podem-se ver as meias e sapatos, sempre tudo combinando, sempre muito elegante, para os padrões de uma classe média urbana. O apresentador pode ser enquadrado frontalmente, como a maior parte dos locutores, e também lateralmente, em plano de conjunto, quando dialoga com os comentaristas, que aparecem ao vivo, de vários lugares, no telão. A outra parte do telão pode não ser usada, o que é o mais comum, ou apresentar as imagens das externas eventuais.

Os donos da palavra ou o “time de craques”

Acreditamos que a marca identitária mais relevante do telejornal “Em Pauta” reside na figura de seus comentaristas. Eles garantem o diferencial do programa, dão lastro à informação, são condutores e mediadores. Duarte e Curvello (2009) afirmam que “a configuração do ator discursivo que acumula essas funções, condutor e mediador, [...], faz dele um instrumento muito eficaz na expressão do tom que se pretende conferir ao produto televisual” (p. 63). As autoras considerem que, normalmente, no caso dos telejornais tradicionais, a emissora reserva-se o direito de controle e manutenção do “tom”, da identidade do programa, o que lhe garantiria, por exemplo, substituir o apresentador, sem prejuízo da manutenção da atração na grade. Neste caso, o ator discursivo atuaria como um simples condutor. No “Em Pauta”, é evidente que o papel dos comentaristas transcende esta limitação. Eles são responsáveis por dar “[...] um tom ou combinatória tonal ao discurso enunciado, ou seja, de um ponto de vista a partir do qual sua narrativa *quer ser reconhecida*” (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 63).

Assim, o tom dirige-se, necessariamente, ao meio social. Sua escolha pressupõe um interlocutor virtual ou atual, o telespectador, que, na medida em que é capaz de perceber a proposição engajante de um programa, ou seja, de detectar o tom conferido a um produto televisual, torna-se cúmplice dos enunciadores, aderindo ao convite que lhe é feito pela instância de enunciação. Trata-se de um jogo demasiado astucioso para ser verdadeiramente informação ou mero entretenimento, cuja intenção estratégica é manter o telespectador cativo (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 64).

No caso de um produto como o telejornal, as autoras defendem que o tom principal é o de seriedade, que confere efeitos de sentido de verdade, confiabilidade e credibilidade. Mas isso não impediria o telejornal de se reinventar agregando à sobriedade, características de ludicidade (seriedade, gozação, espirituosidade, trivialidade). Acreditamos ser este o caso do “Em Pauta”, em que os apresentadores/comentaristas se diferenciariam dos apresentadores da maior parte dos telejornais,

adquirindo características de condutores/mediadores, “que capitalizam para si a expressão da combinatória tonal de um programa, protagonizando-a, encarnando-a. Nesse caso, o seu afastamento decreta a morte do programa” (DUARTE; CURVELO, 2009, p. 73).

No nosso entendimento, o “Em Pauta” valoriza em primeiro lugar a credibilidade daquele que fala, tanto que sempre são enfatizados valores associados ao bom jornalismo, como o fato daquele profissional ter um currículo que lhe garanta respeitabilidade, ter acesso a fontes privilegiadas e ser capaz de fazer suas próprias investigações. Ao mesmo tempo, para gerar a necessária identificação com o espectador, os comentaristas não se apresentam como profissionais distantes, pelo contrário, são capazes de fazer brincadeiras, de garantir um clima de relaxamento ao cenário de apresentação. Eles não se colocam como olímpianos, mas como seres humanos, com os quais o telespectador gostaria de trocar ideias ou mesmo debater algum assunto. Eles ocupam um lugar de referência: podem gravar matérias externas, fazer entrevistas, mas, geralmente, ocupam a maior parte do tempo do programa interpretando e explicando a complexidade do mundo para os seus espectadores, com a autoridade que ganharam pela experiência e competência individuais. No caso deles, “a marca do real autêntico” (PICCININ, 2013, p. 135) é dada pela naturalidade dos comentários, que dão margem ao improviso, típicos não da leitura de um texto, mas à expressão livre da oralidade.

O “Em Pauta” nas redes sociais

No G1, o portal de notícias da Globo, podem-se assistir aos VTs (videoteipes) dos comentários do “Em Pauta”, normalmente em quantidade de dez, relativos aos telejornais da semana anterior. Não se tem acesso aos telejornais mais antigos. Não há interatividade, isto é, a participação do espectador/internauta é pequena, e fica ainda restrita à possibilidade de acessar os comentários mais vistos na rede e pesquisar por palavras-chave, por exemplo.

O aplicativo para dispositivos móveis do canal Globo News dá poucas opções de interação⁵. Podemos acessar os programas de telejornalismo da emissora, mas, com poucas opções de visualização. No dia oito de julho de 2014, pela manhã, a única opção oferecida para o “Globo News Em Pauta” era a matéria exibida na véspera sobre novos lançamentos musicais na cena brasileira. Quando se acessava o link, primeiro, aparecia um comercial, entrava depois a chamada do estúdio principal, feita pelo Sérgio Aguiar, e, finalmente, Bete Pacheco, de São Paulo, que fazia comentários sobre as imagens de três VTs editados, com áudio em BG e alguns sons ao final.

⁵ Em 2015, já são disponibilizados cerca de três a quatro quadros de cada uma das edições da última semana, no aplicativo.

O telejornal “Em Pauta” tem *fanpage*, no Facebook, com 3780 curtidas⁶.

O programa tem perfil no Twitter, “GloboNews em Pauta” (@gnempauta).

Entre os comentaristas, que participam do programa, temos, de acordo com perfil veiculado no Twitter⁷ e com a redação de origem, as seguintes informações:

Do Rio de Janeiro (coordenação dos trabalhos): Sérgio Aguiar (@SergioAguiarGN) tem 9.533 seguidores no Twitter. Ele posta várias novidades do telejornal na rede social.

De Brasília (onde o foco são as matérias de política): Eliane Cantanhêde – jornalista, colunista da “Folha de São Paulo” e da “Folha.com”, é comentarista da Rádio Metrôpole da Bahia e também da Globo News, é ela a jornalista a quem o público envia as maiores críticas, por identificá-la com posturas mais conservadoras na arena política; Gerson Camarotti (@gcamarotti) – jornalista e comentarista político da Globo News em Brasília - tem 41.037 seguidores no Twitter; Roseann Kennedy (@roseannkennedy) – jornalista, colunista política da rádio CBN, tem 14.179 seguidores.

De São Paulo (onde estão concentradas as matérias de economia e de cultura): Elisabete Pacheco (@betepachecoGN) – repórter da Globo News e comentarista de cultura do jornal “Em Pauta” – 5.967 seguidores no Twitter; Thais Herédia (@thaisheredia) – jornalista e colunista de Economia do G1 e comentarista da Globo News – tem 5.022 seguidores; Mara Luquet (@MaraLuquet) – jornalista, comentarista do “Globo News Em Pauta”, do “Jornal da Globo”, do “SPTV” e da rádio CBN. Editora da revista “Legado” e sócia da “Letras&Lucros” – tem 22.147 seguidores no Twitter.

De Nova York (onde se concentram os comentários de política internacional, mas também há análises de matérias de comportamento e factuais): Guga Chacra – comentarista internacional do jornal “O Estado de São Paulo” e do “Globo News em Pauta” em Nova York -, tem 27.595 seguidores no Twitter; Jorge Pontual (@JorgePontual) – correspondente de notícias em Nova York para a Globo, tem 170.966 seguidores no Twitter; Sandra Coutinho (@sandraacoutinho) – correspondente da Globo News em Nova York – tem 7.661 seguidores no Twitter.

Percebe-se que o “Em Pauta” ainda explora pouco os recursos das redes sociais e da internet em geral. Não conseguimos acessar as edições antigas, e não temos um canal mais direto com os apresentadores, aliás, em um dos dias analisados em nossa amostra, eles próprios reconheceram ser pouco ativos nas mídias sociais.

Interpretando o “Em Pauta”

Na primeira semana de julho de 2014⁸, que serviu de objeto de análise para este artigo, enquanto os telejornais se dedicavam insistentemente à cobertura da

6 Os dados de acesso apresentados aqui referem-se à primeira semana de julho de 2014.

7 A coleta de informações sobre o número de seguidores dos jornalistas do “Em Pauta”, no Twitter, foi realizada na primeira semana de julho de 2014.

8 Para a realização da análise, escolhemos seis edições do telejornal, do dia primeiro ao dia oito de julho. A escolha de período coincidente com a Copa do Mundo foi proposital, já que pretendíamos compreender como as edições se comportariam em época excepcional, em que o cardápio de notícias, na maior parte dos telejornais diários, apenas se dedicava ao futebol.

Copa do Mundo, o “Em Pauta” apresentava um cardápio bem mais variado de notícias. No dia primeiro de julho, por exemplo, o jornal foi aberto com as imagens da despedida do ministro Joaquim Barbosa, que se aposentava de suas funções à frente do STF, com comentários de Roseann Kennedy, de Brasília.

Em seguida ao factual, Sérgio Aguiar usou o bordão habitual – “A pauta é...”- para convocar a participação da comentarista Thais Herédia, de São Paulo, que apareceu no vídeo, tomando um cafezinho, ao vivo, para introduzir seus comentários sobre a inusitada pesquisa que afirma ser o café uma arma contra a desonestidade. No espelho do telejornal, certamente, um gancho sutil uniu a figura do ex-ministro aposentado, que esteve à frente do julgamento do Mensalão, à discussão sobre o desejável atributo da honestidade. Além de apresentar seu comentário, ilustrado por imagens, Thais conversou com Sérgio, Jorge Pontual e com a colega de Brasília, Roseann, que confessou tomar um litro de café por dia. Nessa espécie de bate-papo, uma informação de cunho totalmente pessoal foi compartilhada publicamente. Seguiu-se a próxima pauta: Copa do Mundo. E, nesse espaço, coube um pouco de tudo: comemorações inusitadas de gols e perguntas com um quê de picanetes, como aquela que Sérgio dirigiu a Thais: “Você prefere o jogador dançando ou tirando a camisa?”. Sem resposta. Na pauta seguinte, o tema foi emoção. Thais relatou o ponto de vista de especialistas sobre o assunto e até o resultado da pesquisa que ela mesma fez nas redes sociais, e que revelou que os internautas aceitam que homens chorem, mas, não por medo. De Nova York, Jorge Pontual deu sua opinião, diz que achou lindo o choro do goleiro Júlio César, depois que salvou o Brasil de uma derrota, agarrando pênaltis, e o jornalista ainda arrematou o comentário, cantando alguns versos da música “Volta por cima”, de Paulo Vanzolini, eternizada na voz de Elza Soares: “Ali onde eu chorei/Qualquer um chorava/Dar a volta por cima que eu dei/Quero ver quem dava”... No total, o bloco teve quatro temas – pautas -, que envolveram todos os comentaristas.

Nas chamadas de bloco, Sérgio Aguiar sempre antecipa dois destaques, sendo que um deles sempre vem acompanhado de um pequeno *teaser*, de um dos jornalistas participantes. Os blocos se sucedem com três ou quatro pautas, a maioria delas sempre trazem o ponto de vista dos comentaristas. Jorge Pontual, por exemplo, no mesmo dia primeiro de julho, comentou as fotos tristes postadas pelo genro e filha na internet, depois da derrota dos Estados Unidos, no jogo da Copa, em Salvador. Na verdade, a foto que apareceu como ilustração do comentário foi a do presidente Obama assistindo ao jogo, com grande plateia, e que serviu para demonstrar a popularização do esporte naquele país. Depois, Roseann, que é do Rio Grande do Norte, falou da experiência de comer carne de jumento, ao comentar o projeto, que tramita no estado, sobre fornecimento desse tipo de alimento nas penitenciárias e na rede pública de ensino. Finalmente, a comentarista de São Paulo, Thais Herédia analisou as duas décadas do Plano Real, exibindo notas antigas de dinheiro de sua coleção

particular. Isto é, todos os assuntos debatidos no bloco contaram com comentários de ordem pessoal dos jornalistas.

No terceiro e último bloco, anunciou-se a decisão de José Serra disputar o Senado por São Paulo; a manipulação de dados dos usuários por rede social da internet (o que levou todos os comentaristas a dizerem que estão deixando de usar esse tipo de veículo) e a leitura de um texto/poema do escritor uruguaio Eduardo Galeano sobre futebol, com cobertura de imagens de arquivo, em especial do craque Didi. É a seção “#poemaempauta”, apresentada toda semana, e que encerrou o telejornal.

No dia dois de julho, o “Em Pauta” abriu com uma entrada ao vivo de repórter, o que não é o corriqueiro, devido ao incêndio de uma conhecida loja de aviamentos de São Paulo. Novamente, o telejornal trouxe uma série de assuntos para debate, entre eles, o aquecido mercado de imóveis brasileiro, que apresentou, em maio de 2014, os melhores resultados dos últimos 20 anos. A comentarista Mara Luquet, de São Paulo, aproveitou o tema para orientar o espectador sobre a compra de imóveis, com o auxílio de arte gráfica. Foi uma apresentação bem didática, que até extrapolou o tempo que lhe seria inicialmente dedicado.

No segundo bloco, três temas: crime cibernético envolvendo gangues que fraudam boletos bancários; dicas sobre como lidar com as diferenças de até 500% na cobrança das tarifas bancárias, e a corrida presidencial.

No último bloco, tivemos o quadro “A dúvida do telespectador”, que, neste dia, era a seguinte: “Quando insistir e quando retirar a aplicação em ações de rentabilidade negativa?” Mara Luquet deu as orientações. Nota-se que não é uma pergunta comum em programas não especializados em economia, mas reflete o tipo de público que tem o hábito de assistir ao “Em Pauta”. Finalmente, as curiosidades do Mundial em números, falando que esta foi a Copa das prorrogações, do maior número de gols por jogo, além de outras observações divertidas. Quando foi comentar o fato do juiz espanhol escalado para apitar Brasil e Alemanha gostar muito de “dar cartão”, Mara, que é da Economia, falou de cartão de crédito, ao invés de cartão vermelho ou amarelo. Todos riram muito. Ela não pediu desculpas pelo erro, mas gargalhou. E, antes de acabar o telejornal, Roseann, de Brasília, exibiu os pés calçados com chuteiras amarelas, um hábito que ela, apesar de não jogar futebol, cultivava. Mais uma vez, uma edição que misturou objetividade e comentários pessoais, provocando uma espécie de identificação do público.

No dia 3 de julho, a escalada reuniu os temas do Mensalão, bolão de apostas na Copa e a Copa das Solteiras, isto é, no Brasil, o número de mulheres solteiras é um dos maiores do mundo. A primeira matéria foi uma entrada ao vivo da repórter Viviane Possato, de Belo Horizonte, onde caiu um viaduto. Foi usado um trecho da entrevista do prefeito da capital mineira, Marcelo Lacerda, imagens da internet mostrando o acidente, e a mensagem da presidente Dilma Rousseff, no Twitter. A outra

pauta do bloco foi sobre o dia de trabalho de José Dirceu. Camarotti, de Brasília, deu informações exclusivas, destacando que ele tinha acabado de conversar com o dono do escritório onde o preso iria trabalhar. O tom autoral é sempre presente entre os comentaristas. Bom exemplo disso foi a matéria exibida em seguida, em que Jorge Pontual descreveu o bairro colombiano em Nova York, com o texto ilustrado por fotografias que ele mesmo tirou. O tom realista foi reforçado, quando o comentarista começou a comer uma espécie de bolo típico, ao vivo, despertando a fome dos outros apresentadores. O bloco foi finalizado por comentário de Mara Luquet, de São Paulo, que mostrou como os “bolões” de aposta viraram um negócio que atrai milhões. A comentarista também esclareceu uma dúvida enviada por telespectador sobre a forma mais rentável de lidar com fundos imobiliários. Os comentaristas ainda conversaram sobre rivalidade no futebol.

No telejornal de quinta-feira, a Copa ficou mais tempo em pauta, dando espaço para comentários de Camarotti sobre a chegada dos argentinos a Brasília, e o clima de “azaração”, que forneceu o gancho para a última participação de Jorge Pontual, que usou como fonte matéria do “New York Times” para afirmar que o Brasil é campeão no número de mulheres solteiras. Entre os comentaristas do programa, é comum a citação da fonte na qual eles se basearam para fazer o comentário.

No dia 4 de julho, a edição foi aberta falando do “bolão” da Copa e cada participante deu os seus palpites sobre os times que deveriam passar para as finais. Durante a Copa, o programa esbanjou a temática, mas sempre conseguiu novos enquadramentos, como aquele dado por Thais Herédia, de São Paulo, que analisou o perfil econômico de Brasil e Alemanha, que se enfrentaram nas semi-finais. Na edição desta sexta-feira, houve mais entradas ao vivo com repórteres que mostraram a festa das torcidas em São Paulo, no Rio de Janeiro e ainda a notícia sobre o estado de saúde de Neymar, da Seleção Brasileira, que tinha dado entrada em hospital de Fortaleza, depois da grave contusão sofrida no jogo contra a Colômbia. A alegria da comentarista Thais Herédia, que até usou uma peruca verde-e-amarela no estúdio, não tirou a preocupação dos colegas, diante da situação de Neymar. Quando Sérgio Aguiar informou que Neymar estava fora do jogo contra a Alemanha, Guga Chacra, um dos autores do livro “Os hermanos e nós”, sobre o futebol brasileiro e argentino, pareceu desolado, e comentou que o jogador era insubstituível na Seleção Brasileira. A imagem de Neymar caído no campo, com a mão nas costas, tomou conta de toda a tela à esquerda. Ainda apareceu um trecho da coletiva de Felipão, depois do jogo. O clima de apreensão parecia antecipar a tragédia do dia 8 de julho.

Depois do final de semana, em que o telejornal não é veiculado, na segunda-feira, dia 7 de julho, Sérgio Aguiar se apresentou “com as pautas que você vê primeiro aqui”. Em seguida, o trio de comentaristas do dia: Elisabete Pacheco, Sérgio Camarotti e Guga Chacra. A primeira pauta foi sobre a venda de ingressos ilegais para a Copa do Mundo, o que levou à entrada ao vivo da repórter Carolina Cimenti, do Rio

de Janeiro. No *lettering* na parte inferior do vídeo, sempre a chancela do tema: “Preso suspeito de ser o chefe da quadrilha internacional de cambistas”. De Nova York, Guga Chacra comentou, e passamos à próxima notícia do bloco: “A pauta é Copa do Mundo”. Além dos comentários sobre o jogo do Brasil x Alemanha, para o dia seguinte, Sérgio Aguiar especulou com os comentaristas sobre qual seria o nome do jogador que iria substituir Neymar. Todos conversaram muito e Guga Chacra, que é o mais entendido em futebol, comentou o favoritismo da Alemanha. Neste bloco, houve um recurso interessante. Camarotti, que foi, em Brasília, assistir ao jogo Argentina x Bélgica, comentou o clima dos bastidores do estádio Mané Garrincha, com imagens feitas por ele, usando o celular, com direito a “selfie”, vestindo a camisa do Náutico, de Recife, em Pernambuco, o time do coração. De São Paulo, Bete deu informações sobre a partida do dia seguinte, entre Argentina e Holanda. E Sérgio Aguiar provocou Camarotti sobre a possibilidade de uma final entre Brasil e Argentina. O comentarista pernambucano, que fez várias entrevistas com o papa Francisco, lançou mão então de um vídeo de uma emissora colombiana, para mostrar a necessidade do papa ser neutro nessa questão. E ainda tivemos os comentários de Guga Chacra sobre a morte do grande jogador Alfredo de Stéfano, aos 88 anos, na Espanha. Para ilustrar, imagens de arquivo.

A descontração tomou conta do estúdio. Brincadeiras no ritmo do “Em Pauta”. Sérgio Aguiar lançou o Troféu Copa em Pauta, com as categorias: melhor corte de cabelo, nome mais estranho, mais carismático, mais pavio curto, o mais bonito, a mais bonita, a imagem do Mundial, e o melhor comentarista “Em Pauta”. A votação, cujos resultados seriam divulgados na segunda-feira, dia 14, depois do final da Copa, teria a colaboração dos telespectadores que sempre podem “conversar” com o programa através do telefone 4002-2884 ou pelo endereço eletrônico falecomaglobonews.com.br. Para o bloco seguinte, duas chamadas: a situação em Israel e o clima de eleição no Brasil.

O segundo bloco abriu com o comentário de política; depois, “a pauta é arte”, e Bete apresentou a exposição de arte cinética de Abraham Palatnik, que fazia mostra retrospectiva em São Paulo. O texto em off da comentarista foi coberto por imagens da exposição e ainda entraram três sonoras de povo fala. O bloco foi fechado com os comentários de Guga Chacra sobre a crise entre Israel e Palestina. No último bloco, Camarotti comentou a visita de vítimas de pedofilia ao papa Francisco, e Bete apresentou o trabalho de três mulheres que fazem música, são instrumentistas, cantoras e compositoras, e estavam lançando produtos novos ou abrindo temporada de shows. O telejornal terminou, como sempre, ouvindo-se o áudio dos comentaristas e apresentador, que davam os palpites para o jogo do dia seguinte, todos, positivos.

Nosso último telejornal analisado foi o do fatídico dia 8 de julho. Participaram dos comentários Eliane Cantanhede, de Brasília, Bete Pacheco, de São Paulo, e Jorge Pontual, de Nova York. Apesar do grande assunto do dia ter sido a derrota do Brasil pelo placar de 7 x 1 para a Alemanha, Sérgio Aguiar começou o “Em Pauta” chaman-

do uma entrada ao vivo de São Paulo, com reportagem de Daniel Evangelista, sobre incêndio em garagem de ônibus na capital paulista. No *lettering*, na parte inferior do vídeo, lia-se que tinha morrido o ex-senador Plínio de Arruda Sampaio. E, em seguida, “a pauta é Copa do Mundo”. O Brasil estava eliminado. Os comentaristas pareciam estar numa mesa de debates e Pontual, por exemplo, confessou ter parado de assistir ao jogo depois do segundo gol. No início do bloco, entraram imagens ao vivo do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, com as “fan fests” vazias e a desolação dos torcedores. Guga Chacra, que não estava no estúdio, teve uma entrada especial, dizendo que o resultado iria “afetar a identidade brasileira”. Os comentaristas trocaram ideias e, para termos um contraditório, Pontual disse que gostou da coletiva do Felipão, e falou da presença das crianças no estádio, e como pais deveriam lidar com esse tipo de situação. Depois do intervalo, o cardápio foi mais variado: eleições, excesso de barulho em áreas públicas e pesquisa que garantia ser possível o cálculo da trajetória de um chute. No terceiro bloco, comentou-se a morte de Plínio de Arruda Sampaio, entraram imagens de confusão na Savassi, no centro de Belo Horizonte, depois do jogo entre Brasil x Alemanha, e Bete comentou o turismo durante a Copa. O programa terminou com a leitura de um poema sobre futebol, de autoria do italiano Pier Paolo Pasolini, em que o futebol brasileiro é qualificado como um futebol de poesia. Uma forma interessante de fechar aquele dia que, certamente, ficaria marcado na memória dos brasileiros.

Considerações finais

Ao escrevermos este artigo o que nos pareceu fundamental foi dar uma contribuição às reflexões sobre o telejornalismo, que ocupa o horário nobre de nossas emissoras de TV, apresentando um estudo sobre o telejornal “Em Pauta” da Globo News, que consideramos trazer um novo modelo de programa diário para a audiência que, cada vez mais, parece se mostrar menos decifrável e menos fiel ao modelo tradicional dos noticiários da televisão.

O “Em Pauta” é um telejornal diário, com mais tempo e menos matérias, que traz mais comentário do que notícia, investe mais na oralidade do que nas imagens, aposta na objetividade da apuração, mas não dispensa a subjetividade do jornalista, o toque pessoal de cada participante, que é o que dá o tom do programa. Os recursos cênicos são diferentes de tudo o que se vê nos outros telejornais diários: há uma sobriedade no estúdio, uma economia de recursos gráficos, e um certo sentimento “*low profile*”, que acompanha os comentaristas, é como se eles fossem os “intelectuais da notícia”, sem serem maçantes, ou terem que ficar o tempo todo se movimentando de lá para cá no estúdio.

Não tivemos acesso às verificações da audiência, mas o “Em Pauta” parece ter conquistado um lugar ao sol, mostrando-se como uma alternativa competente ao

telejornalismo diário das redes de TV. Provavelmente, não é um produto para o “horário nobre” da TV aberta, certamente, não é um programa que privilegia a polêmica e o “furo”, não é revolucionário na forma e no conteúdo. Talvez seja até acusado de conservador e peque por permanecer naquela zona de conforto característica da classe média alta, mas, em nosso ponto de vista, o programa tem cumprido a sua função de informar diariamente com qualidade, demarcando o lugar de referência que o jornalismo deve ocupar na agenda de uma sociedade democrática.

Referências

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom? In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009. P. 61-74.

GLOBO NEWS EM PAUTA. In: <http://globotv.globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/> Acesso em jun.2014.

PATERNOSTRO, Vera Iris (coord.). **Globo News: 10 anos/24 horas no ar**. São Paulo: Globo, 2006.

PICCININ, Fabiana. Narrativas de um real autenticado: notas sobre a grande reportagem na TV contemporânea. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (orgs.). **#telejornalismo: nas ruas e nas telas**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.2. Florianópolis: Insular, 2013. P. 129-147.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil** – história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. P. 57-81.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SQUIRRA, S. O telejornalismo brasileiro num cenário de competitividade. In: **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, Vol. XVIII, nº1, p. 37-49, jan/jun 1995.